

Parcimônia

Economia Brasil
JORNAL DO BRASIL 02 MAI 2006



**Paulo Nogueira
Batista Jr.,
economista**

Professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo e autor do livro *O Brasil e a economia internacional: recuperação e defesa da autonomia nacional* (Campus/Elsevier, 2005).

D S T Q Q S S

NO FIM DA SEMANA PASSADA, o dólar fechou abaixo de R\$ 2,10, o menor valor em cinco anos. As razões imediatas da nova queda parecem ter sido as sinalizações opostas dadas pelos bancos centrais dos EUA e do Brasil. A Reserva Federal indicou que poderá interromper o ciclo de alta dos juros. Já o famigerado Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central) insinuou que pretende reduzir em ritmo ainda mais lento os estratosféricos juros brasileiros. A ata do Copom, divulgada na quinta-feira passada, incluiu uma afirmação que chamou a atenção: "(...) o Copom entende que a preservação das importantes conquistas (...) poderá demandar que a flexibilização adicional da política monetária seja conduzida com maior parcimônia".

Parcimônia... O Banco Central continua dizendo barbaridades econômicas em pés-simo estilo. O endurecimento do Copom desencadeou uma pequena escaramuça com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, que aparentemente não vê motivos para maior parcimônia na diminuição dos juros. Mas o presidente Lula encerrou a controvérsia com uma declaração curiosa:

"Não tem de ter duas posições, mas apenas uma, que é a do governo. O Banco Central se enquadraria, a Fazenda se enquadraria, eu me enquadraria e todo mundo trabalha tranquilo". Portanto, o presidente da República, segundo suas próprias palavras, está enquadrado. O Banco Central, também "enquadrado", fará o que bem entende.

Não há crise cambial à vista, mas a vitalidade do setor externo da economia brasileira vai sendo solapada aos poucos

Enquanto isso, as empresas exportadoras e as que concorrem com importações sofrem cada vez mais com a sobrevalorização cambial. Entre março de 2005 e março de 2006, a apreciação real da moeda brasileira alcançou nada menos que 23% em relação a uma cesta de 13 moedas, de acordo com cálculo da Funcex (Fundação Centro de Estudos do Comércio

Exterior). Esse cálculo é feito com base na participação dos principais parceiros na corrente de comércio (exportação e importação) do Brasil. As taxas de câmbio nominais são corrigidas por índices de preços ao consumidor. Segundo a Funcex, a rentabilidade das exportações encontra-se hoje abaixo dos níveis verificados em 1995-1998.

Não há crise cambial à vista, mas a vitalidade do setor externo da economia brasileira vai sendo solapada aos poucos. O real forte contribui para manter a economia crescendo em ritmo lento, pois deprime a atividade exportadora e induz a substituição de produção nacional por importações. A taxa de crescimento das exportações de mercadorias vem caindo gradualmente. O número de empresas que exportam diminuiu em 2005. As importações, por sua vez, estão aumentando mais rapidamente. Aumentam também as despesas com serviços no exterior e as remessas de lucros e dividendos.

De acordo com as projeções mais recentes do FMI para o Brasil, o superávit do balanço de pagamentos em conta corrente deve cair de 1,8% do PIB em 2005, para

1% do PIB em 2006 e 0,2% do PIB em 2007. Note, leitor, que a queda do superávit ocorre apesar do crescimento de apenas 3,5% do PIB brasileiro projetado pelo FMI para este ano e o próximo, o que reflete evidentemente o impacto da sobrevalorização do real. Para a economia mundial como um todo, o Fundo estima crescimento de quase 5% em 2006 e, também em 2007. Para os países emergentes e em desenvolvimento, as expectativas são ainda mais favoráveis: quase 7% ao ano nesse período.

Se a taxa de expansão da economia brasileira se aproximasse da média internacional, a queda do superávit corrente seria ainda mais acentuada. Voltaríamos provavelmente a registrar déficits no balanço de pagamentos em conta corrente, uma vez que a aceleração do crescimento levaria a uma maior demanda por importações e desviaaria exportações para o mercado interno.

Nada disso abala o governo brasileiro. Em Brasília, estão todos trabalhando, enquadrados e tranquilos, empolgados; tudo indica, em recriar a malfadada vulnerabilidade externa.